

---

### 3 RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UMA REVISÃO DE ESTUDOS PUBLICADOS NO ESTADO DA BAHIA

**Daniela Gomes Carneiro**

Graduanda em Psicologia pela Universidade Salvador. Membro do Laboratório de Estudos em Biologia, Filosofia e Psicologia (BIOFIP).

E-mail: [dangcpsi@gmail.com](mailto:dangcpsi@gmail.com)

**Ana Carolina Dias Souza**

Graduanda em Psicologia pela Universidade Salvador

E-mail: [psicoanadias@gmail.com](mailto:psicoanadias@gmail.com)

**Rodrigo Nascimento Barbosa**

Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) na linha de pesquisa em Contextos de Desenvolvimento, Clínica e Saúde sob orientação de Denise Coutinho. Pós-Graduando em Neuropsicologia pela Faculdade Dom Alberto. Graduado em Psicologia pela Universidade Salvador (UNIFACS).

E-mail: [nascimentolag@gmail.com](mailto:nascimentolag@gmail.com)

#### RESUMO

Esse artigo tem como objetivo sistematizar os relatos de experiência de mulheres vítimas de violência doméstica no Estado da Bahia em estudos publicados entre os anos de 2002 e 2022, a fim de analisar as percepções das mulheres em relação às dinâmicas e repercussões da violência doméstica. A abordagem utilizada foi a revisão narrativa de literatura e a coleta de dados foi realizada por meio de uma pesquisa bibliográfica de artigos nas seguintes bases de dados: SciELO, PePSIC e BVS/Lilacs. Foi encontrado que as percepções das mulheres a respeito de situações vivenciadas na relação abusiva apresentavam um caráter singular, sendo descritas como culpa, angústia, medo, humilhação e vergonha em relação a si mesmas e ao relacionamento. No que se refere aos relacionamentos amorosos, destacou-se o quanto a socialização feminina favorece a permanência de mulheres nessas relações violentas, tendo como implicações negativas o desenvolvimento de transtornos mentais ou sofrimento psíquico, a saber: ansiedade, depressão, estresse pós-traumático, rebaixamento da autoestima, risco maior de suicídio, bem como sintomas ou doenças físicas: fadiga, cefaleia, distúrbio do sono ou no padrão da alimentação. Conclui-se que a violência doméstica tem caráter de urgência e deve ser combatida de maneira conjunta entre a sociedade e as instituições que protegem e cuidam dessas mulheres, visto que, através desse estudo, foi possível concluir que as pessoas que estão realizando os serviços de saúde e proteção não estão preparadas o suficiente para acolher as mulheres vítimas de violência.

**Palavras-chave:** Violência contra a mulher. Violência doméstica. Mulheres. Relatos de experiência.

## ABSTRACT

This article aimed to systematize the experience reports of women victims of domestic violence in the state of Bahia in studies published between the years 2002 and 2022, to analyze women's perceptions of the dynamics and repercussions of domestic violence. The research approach was narrative literature review, and the collection of data was carried out through bibliography research in the following databases: ScieELO/PePSIC and BVS/Lilacs. It was found that the women had singular perspectives about the situations experienced in the abusive relationship and these were described as guilt, distress, fear, humiliation and shame in relation to themselves and the relationship. Regarding intimate relationships, it was noticed that the way women are socialized favors their permanence in violent relationships which can result in negative implications like the development of mental disorders or psychological suffering, namely: anxiety, depression, post-traumatic stress, lowered self-esteem, increased risk of suicide, as well as physical symptoms or illnesses: fatigue, headaches, sleep disorders or eating disorders. In conclusion, domestic violence is an urgent issue and must be combated jointly by society and the institutions that protect and care for these women, since this study has shown that the people who provide health and protection services are not sufficiently prepared to receive women who are victims of violence.

**Keyword:** Violence against woman. Domestic violence. Women. Experience reports.

### 3.1 INTRODUÇÃO

A violência doméstica é um fenômeno que repercute na vida de diversas mulheres e é definida como um ato que viola os direitos humanos e causa danos significativos nas condições físicas e psicológicas, além do sofrimento intenso ao conviver com a tensão e o desamparo por conta da violência sofrida (SILVA, 2003). A Lei Maria da Penha, implantada oficialmente em setembro de 2006, consiste em um marco na luta e na prevenção contra a violência de gênero e na garantia dos direitos das mulheres. No seu art. 5º dispõe sobre a definição de violência doméstica e familiar contra a mulher, constituindo-se de qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.

Conforme os dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, no primeiro semestre de 2022, foram registradas 31 mil denúncias de violência doméstica ou familiar contra as mulheres em todo o Brasil. Em relação ao Estado da Bahia, foi realizado um levantamento de dados na Rede de Observatórios de Segurança, no qual apontou que entre agosto de 2021 e julho de 2022, os casos tiveram um aumento de 47% em relação aos anos anteriores, tendo um total de 301 casos registrados.

Diante dos inúmeros casos de violência, muitas mulheres não reconhecem os primeiros sinais que caracterizam o início de uma relação abusiva, fato esse que dificulta as mulheres em diferenciar o amor da violência, visto que muitas delas vivenciaram situações anteriores que foram marcadas por abusos e negligências dentro do âmbito familiar, que por sua vez influenciaram a sua forma de se relacionar e, conseqüentemente, favoreceu para que elas permanecessem por muito tempo nesse tipo de relação (PAIXÃO *et al.*, 2015).

Sendo assim, entendemos que a violência doméstica é resultado de uma construção social e cultural pautada nas relações de poder desiguais em que a mulher é submetida a uma posição inferior ao homem. Em vista disso, podemos dizer que a violência é reproduzida através de atitudes abusivas e machistas, que são naturalizadas socialmente devido a um processo de socialização masculina que incentiva ações que visam destruir a integridade das mulheres em vários contextos da sua vida.

Assim, as mulheres em situação de violência na maioria das vezes enfrentam desafios em relação ao apoio recebido tanto pelos seus familiares quanto pelas instituições, situação essa, que não proporciona o suporte necessário para que as vítimas consigam sair de um relacionamento violento. Segundo a autora Gomes *et al.* (2020), ao buscar assistência nas delegacias, é notável as dificuldades vivenciadas pelas mulheres no que concerne os ditames da

lei pelo serviço policial. Isso ocorre porque o funcionamento desse serviço é realizado de maneira fragilizada, em que os profissionais são escassos e incapacitados para lidar com a situação. Além disso, esses profissionais costumam adotar discursos machistas e demonstrar falta de sensibilidade frente à situação de violência vivenciada pela mulher.

Em síntese, diante do problema apresentado sobre a violência contra a mulher da qual implica em prejuízos físicos e emocionais, o estudo possui papel importante por compilar relatos de experiência de mulheres que vivenciaram a violência, na tentativa de evidenciar as complexidades e os riscos presentes nesse contexto, visto que o ciclo de violência se desenvolve de modo que, gradualmente, a relação se torna cada vez mais ameaçadora para a vida da mulher, sobretudo no estado da Bahia.

Desta forma, a partir de uma revisão narrativa, este artigo tem como finalidade sistematizar as informações referentes aos relatos das experiências de mulheres vítimas de violência no Estado da Bahia em estudos publicados entre os anos de 2002 e 2022, a fim de analisar as percepções das mulheres acerca da violência sofrida.

### 3.2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O estudo foi realizado a partir de uma revisão narrativa de literatura, tendo como objetivo analisar e sistematizar as informações referentes aos relatos de experiências de mulheres vítimas de violência doméstica no estado da Bahia. A revisão narrativa de literatura foi escolhida para a produção deste artigo, pois este tipo de revisão facilita na sistematização e na compreensão das informações, sendo muito utilizada para a discussão e descrição de diferentes assuntos e em diferentes campos de conhecimento. A revisão narrativa de literatura é definida como uma análise de literatura que irá sintetizar narrativas e fornecer compreensões das informações de produções científicas que já foram publicadas (RIBEIRO, 2014).

Desse modo, a produção do presente artigo foi dividida nas seguintes etapas: 1) delimitação do tema; 2) elaboração da pergunta de pesquisa; 3) seleção dos descritores para busca nas bases de dados; 4) critérios de inclusão e exclusão; 5) busca de artigos nas bases de dados; 6) seleção dos artigos de acordo com os critérios estabelecidos; 7) seleção dos artigos que fizeram parte do estudo; 8) coleta das informações dos artigos encontrados.

O estudo orientou-se através da seguinte pergunta de pesquisa: Quais as percepções das mulheres vítimas de violência doméstica?. Os descritores usados na busca dos artigos foram: violência doméstica (domestic violence). Mulheres (Woman), relacionamento conjugal (marital relationship), relato de experiência (experience report). Em seguida, a busca dos artigos foi

realizada a partir dos bancos de dados: SciELO - *Scientific Electronic Library Online*. PePSIC - Periódicos Eletrônicos em Psicologia, Portal Regional da BVS/Lilacs nos meses entre outubro e dezembro de 2022. Os critérios de inclusão foram: Relatos de experiência; Mulheres que sofreram de violência psicológica e física; relatos do estado da Bahia, Estudos de revisão. Como critério de exclusão foram eliminados os seguintes tipos de estudos: livros; monografias; teses; dissertações.

Por fim, a seleção foi realizada em três etapas: primeiro, foi encontrado um quantitativo total de 24 artigos. Em seguida, foi feita a leitura do título e resumo dos artigos, e a partir disso foram excluídos os artigos que não estavam dentro dos critérios de seleção. Logo após, depois da leitura completa, foram selecionados 09 artigos que compuseram os resultados finais da produção.

Quadro 1 - Resumo do método de seleção dos artigos

<b>Artigos Recuperados</b>	<b>Total de Artigos após leitura do resumo e título</b>	<b>Total de Artigos após a leitura completa dos estudos</b>	<b>Total de artigos que compuseram a amostra</b>
24	20 selecionados 4 excluídos	16 selecionados 7 excluídos	09

### 3.3 RESULTADOS

O estudo foi composto de um total de 09 artigos apresentados no Quadro 2, que relatam sobre as experiências das mulheres vítimas de violência doméstica. A partir dos resultados encontrados, foi possível sintetizar e compreender as percepções de 321 mulheres que sofreram violência e suas vivências em diferentes contextos. Dessas 321 mulheres, nota-se que a faixa etária dessas mulheres situa-se entre 19 e 71 anos de idade, sendo a maioria delas negras e pardas. Em relação a escolaridade, foi observado que grande parte das mulheres não eram alfabetizadas ou tinham apenas o ensino fundamental. Logo, esses fatores evidenciam que mulheres em situação de vulnerabilidade social são as mais afetadas pela violência doméstica. Além disso, também foram encontrados outros dados relevantes aos agravos em saúde mental dessas mulheres, tais como: transtorno de estresse pós-traumático, ansiedade, depressão e rebaixamento da autoestima; também impactos na saúde física em decorrência da violência, sendo eles: a fadiga, cefaleia, distúrbio do sono e no padrão de alimentação. As produções encontradas estavam no período de 2007 a 2022 e a quantidade em relação ao ano foi bastante variada.

## Quadro 2 - Categorização dos artigos que compõe a amostra

(continua)

Nº	AUTOR (ES)	TÍTULO	PERIÓDICO	POPULAÇÃO	ANO
1	Correia M. Cintia <i>et al.</i>	Sinais de risco para o suicídio em mulheres com história de violência doméstica	Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas	Foram entrevistadas dez mulheres com história de violência doméstica e tentativa de suicídio por envenenamento. A faixa etária das mulheres que compuseram o estudo se encontra entre 28 e 58 anos	2018
2	Dourado M de Suzana.	Marcas visíveis e invisíveis: lesões faciais sofridas por mulheres em decorrência de atos de violência doméstica	Ciência e Saúde Coletiva	Foram analisadas as narrativas de dez mulheres que apresentaram queixa na DEAM. As mulheres que participaram desse estudo tinham entre 18 e 59 anos e realizaram boletins de ocorrência na Delegacia Especial de Atendimento à Mulher de Salvador, Bahia.	2015
3	Gomes P Nardilen <i>et al.</i>	Vivência e repercussões da violência conjugal: o discurso feminino	Revista de Enfermagem	As participantes do estudo foram 11 mulheres que possuem um histórico de violência conjugal, residentes em uma comunidade localizada no bairro periférico da cidade de Salvador - BA.	2012
4	Gomes P Nardilen <i>et al.</i>	Violência conjugal e o atendimento da mulher na delegacia e no serviço de saúde	Revista Baiana de Enfermagem	Foram investigadas 11 mulheres em situação de violência conjugal, residentes na comunidade do Calafate, Salvador, Bahia, Brasil.	2013
5	Gomes P Nardilen <i>et al.</i>	permanência de mulheres em relacionamentos violentos: desvelando o cotidiano conjugal	Cogitare Enfermagem	Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, na cidade de Salvador, Bahia, Brasil. Participaram do estudo 29 mulheres, que respeitam o critério de inclusão: representação judicial por vivência de violência conjugal.	2022
6	Gomes R C. Iracema <i>et al.</i>	Representações sociais de mulheres em relação à assistência policial prestada nas situações vivenciadas de violência doméstica	Revista Enfermeria Actual	A pesquisa foi feita com 80 mulheres em situação de violência doméstica que buscaram atendimento no Núcleo de Atendimento à Mulher (NAM) e na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM), localizados em um município do interior do sudoeste da Bahia. Dentro dessas 80 mulheres que foram entrevistadas, 12 foram do Núcleo de Atendimento à Mulher e 68 são da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher.	2020
7	GOMES, Iracema Ribeiro	Representações sociais de mulheres em situação de violência domésticas sobre assistência jurídica	Revista Cuidarte	80 mulheres em situação de violência doméstica atendidas no Núcleo de Atendimento à Mulher (NAM) e na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM) situada em um município do interior da Bahia.	2020

## Quadro 2 - Categorização dos artigos que compõe a amostra

(conclusão)

Nº	AUTOR (ES)	TÍTULO	PERIÓDICO	POPULAÇÃO	ANO
8	Oliveira G. Anna Paula; Cavalcanti S. Ribeiro Vanessa	Violência doméstica na perspectiva de gênero e políticas públicas	Rev Bras Crescimento Desenvolv hum	No ano de 2003 foram registradas 7.769 ocorrências policiais na DEAM de Salvador. Deste número, 71 mulheres foram vítimas em 2003 de crimes de lesões corporais e/ou ameaça, pelo menos em dois registros, cujos autores dos fatos foram apontados por elas como sendo seus esposos ou companheiros, excluídas, como se percebe, as ocorrências policiais com outras modalidades criminosas que não as citadas acima e as envolvendo os ex-maridos, ex-companheiros, noivos, namorados e outros parentes do sexo masculino. Destas, 42 mulheres desistiram expressa ou tacitamente da atuação policial, seja manifestando desinteresse na lavratura do Termo Circunstanciado (forma expressa), seja não comparecendo nem ao menos na audiência preliminar que, nos casos de ameaça e em alguns de lesão corporal, são realizadas pelas policiais da própria DEAM.	2007
9	Paixão do N.P Gilvânia	Mulheres vivenciando a intergeracionalidade da violência conjugal	Revista Latino Americana de Enfermagem	Para a realização da pesquisa foram entrevistadas 19 mulheres, em vivência de violência conjugal, residentes em uma comunidade de Salvador, Bahia. Elas caracterizam-se pela faixa etária entre 19 a 58 anos, sendo a maioria negras e com baixa escolaridade.	2015

Fonte: Elaboração própria (2023).

### 3.4 DISCUSSÃO

A violência doméstica é um problema que acomete a vida de diversas mulheres na sociedade, por conta das condições de desigualdade e submissão presentes nas relações de gênero moldadas na cultura. Desse modo, a violência contra mulheres pode ser caracterizada como qualquer ação que viole os direitos humanos, que cause morte, sofrimento ou prejuízo físico, psicológico ou sexual (DANTAS, 2017).

De acordo com as autoras Gomes *et al.* (2022), as mulheres demoram a reconhecer os sinais de abuso na relação com o seu parceiro, especialmente no início do relacionamento, pois elas têm dificuldade em diferenciar o amor da violência. Além disso, muitas delas acabam permanecendo nessas relações abusivas por acreditarem que o parceiro pode mudar as suas atitudes e pelo desejo de proteger o vínculo familiar. Os resultados desse estudo demonstraram que a noção de construção familiar e o fato delas não reconhecerem os primeiros sinais sutis dos abusos são fatores que as levam a permanecer nessa união mesmo quando a violência se faz presente.

Em outro estudo, segundo as pesquisadoras Paixão *et al.* (2015) foi analisado o aspecto da intergeracionalidade da violência nas relações familiares de mulheres que presenciaram e vivenciaram a violência na infância e adolescência, apontando que esse padrão relacional pode ser reproduzido nas relações futuras. No discurso das mulheres, nota-se que muitas delas percebem a repetição desses padrões na sua relação conjugal tal como é evidenciado por uma das entrevistadas na seguinte fala:

O pior é que todos dizem que eu estou seguindo o mesmo caminho de minha mãe. A minha vida está sendo igual a de minha mãe, porque está acontecendo comigo o mesmo que aconteceu com ela: relacionamento conturbado, tudo idêntico, como se eu estivesse carregando o carma dela, apanhada como a minha mãe (PAIXÃO *et al.*, 2015, p. 877).

Esse relato demonstra como a convivência em um ambiente familiar violento pode condicionar as vítimas a reproduzirem esses modelos relacionais, por não reconhecerem outros modos de se relacionar, acarretando sentimento de culpa por acreditarem que são responsáveis pelas consequências dessas vivências.

Conforme o estudo realizado por Gomes *et al.* (2012), a violência praticada na relação conjugal é um problema que pode gerar consequências negativas para a saúde física e mental das mulheres. Nas falas das mulheres, é possível reconhecer o nível do sofrimento emocional e psicológico ocasionado nelas ao vivenciarem os momentos abusivos na relação:

Quando é um tapa ou um murro, a cicatriz passa evocê às vezes esquece. Mas, muitas vezes, a psicológica não. Fica ali remoendo e você fica desesperada [...] Eu perdi minha auto-estima [...] Isso tudo dói e machuca [...] Eu não gosto nem de lembrar porque vem uma sensação estranha dentro de mim [...] É horrível. (GOMES *et al*, 2012, p. 587).

Nesse relato, a mulher expressa os impactos da violência psicológica na sua autoestima e como essa forma de violência pode causar danos permanentes e profundos.

Em um estudo feito pelas pesquisadoras Correia *et al.* (2018), buscou-se identificar a relação entre o risco para o suicídio em mulheres que vivenciaram a violência doméstica e o comprometimento da sua saúde mental, que pode ser caracterizado pela presença de um estado emocional depressivo e um comportamento suicida. Vejamos a seguinte fala:

Meu marido me humilhava em tempo integral. [...] dizia que eu não prestava para nada. [...] eu me sentia um lixo. Sempre me pegava chorando, me sentia inferior (E3); Ele nunca tocou em mim, mas ouvi palavras muito duras durante todos esses anos. Fui colocada no mais baixo nível. Me sentia fraca, pequena, incapaz. [...] não conseguia mais trabalhar. Não suportava mais nada. [...] já estava a ponto de enlouquecer (CORREIA *et al*, 2018, p. 222).

Nota-se como a relação abusiva pode desencadear um estado emocional depressivo, acompanhado da diminuição da sua autoestima e alterações no humor.

Em outro relato, observa-se com a violência vivenciada na relação pode afetar diretamente a saúde mental da vítima, gerando um risco maior para o suicídio:

Meu marido me abusava sexualmente e eu ficava angustiada. [...] pensava que morrendo acabaria com tudo. [...] tentei suicídio três vezes. Vivia em prol disso (E3); Ele dizia que não me amava, que iria me trocar por duas mulheres de 15 anos. Em dois meses, tentei suicídio três vezes. [...] ia ao mercado e pensava em me atirar embaixo do ônibus. [...] passava por uma passarela e pensava de novo em suicídio, em me jogar lá de cima (CORREIA *et al*, 2018, p. 222-223).

Segundo as pesquisadoras Dourado e Noronha (2015), as vivências de mulheres que sofreram atos de violência física e os impactos das marcas deixadas pelas agressões. Nas narrativas das mulheres entrevistadas são expressos os aspectos subjetivos relacionados às agressões como sentimentos de humilhação, vergonha e sofrimento por conta da distorção na autoimagem.

Na seguinte fala, é perceptível a angústia relacionada à violência e as suas consequências emocionais negativas:

Não consigo mais me olhar no espelho. Olhei uma vez e nunca mais consegui, porque não queria ver como estou. Mesmo agora, quando me vejo assim [...] como posso me mostrar com essa marca no rosto e um dente quebrado? [...] meu dente vai ser restaurado, mas a marca no meu rosto permanece [...] e mesmo que não haja marcas, aqui dentro de mim é ainda pior (DOURADO; NORONHA, 2015, p. 2917).

No que tange o atendimento às mulheres vítimas de violência doméstica, o estudo das autoras Gomes *et al* (2013) visou compreender as percepções das mulheres frente à situação de violência doméstica quando buscaram atendimento em delegacias e serviços de saúde. Desse modo, pode-se observar, a partir do seguinte relato em relação ao atendimento na delegacia:

No momento que eu fui [na delegacia comum], eu queria que me dessem palavras de incentivo [...] O cara que estava fazendo a ficha disse que isso era só no momento de raiva e que, com o tempo, eu ia voltar para ele de novo [...] Pegou e falou para a minha mãe: “Ela estava precisando de uma boa surra da senhora, porque ela mesmo gosta”. Eu não gostei, mas também não falei nada. Minha mãe também não falou nada. (HESTIA) (GOMES *et al*, 2013, p. 149).

Em um outro relato, é evidenciada a percepção de uma das mulheres em relação ao atendimento no serviço de saúde

[...] as pessoas que trabalham nesses serviços [de saúde] ainda criticam [...] se a mulher volta para o agressor é um conjunto de preconceitos em cima da mulher que sofre violência que, às vezes, deixa ela mais para baixo [...] os profissionais não estão preparados (HERA) (GOMES *et al*, 2013, p. 149).

Portanto, as falas comprovam o quanto os profissionais que atuam nas delegacias e nos serviços de saúde não estão preparados para acolher as mulheres vítimas de violência, fato esse, que dificulta com que elas retornem ou busquem pelos serviços.

No que concerne a assistência das mulheres em situação de violência nos serviços policiais, Gomes *et al*. (2020) enfatiza a necessidade de uma reformulação no atendimento e na disponibilização de dispositivos especializados, com foco na prevenção dos atos e não apenas na prática punitiva. A partir das narrativas das mulheres, foram expressos sentimentos de medo e insegurança em relação às repercussões do processo, por conta da falta de capacitação dos profissionais em acolher e validar as suas vivências: “[...] no meu caso mesmo, achei que sofri um descaso, me senti ofendida na delegacia, me disseram que mulher gosta de apanhar mesmo e se não gostasse não vivia com o marido desse jeito [...] (Esmeralda)” (GOMES *et al*, 2020, n.p).

Segundo Gomes *et al*. (2020), a percepção das mulheres em relação ao atendimento jurídico perpassa por questões de raiz patriarcal, visto que muitas mulheres não encontram

celeridade no andamento dos processos. Ademais, relatam a falta de acolhimento durante o atendimento, o que deixa as mulheres resistentes para buscarem a assistência nesses serviços. Esse sentimento é evidenciado a partir do seguinte trecho: “[...] acho que tudo deveria ser feito para evitar mais constrangimento para a mulher numa situação de violência [...] (Cristal)” (GOMES *et al*, 2020, p. 9).

Ademais, um ponto pouco abordado nas falas foi que, mesmo diante dos obstáculos enfrentados quando se busca assistência nos serviços de atendimento jurídico, essas instituições atuam como um meio pelo qual as mulheres podem receber apoio e resolutividade da violência sofrida. A importância dessa forma de assistência na proteção da mulher em situação de violência pode ser evidenciada a partir do seguinte trecho: “[...] eles mostraram o caminho que eu deveria seguir no momento que estava sofrendo violência [...] (Turmalina)” (GOMES *et al*, 2020 p. 10).

Diante disso, a partir da compreensão dos estudos relacionados à temática da violência doméstica contra mulheres e da análise dos relatos delas acerca das suas vivências e sentimentos, percebe-se o quanto é difícil lidar com as formas de opressão presentes nas relações íntimas, familiares e nas instituições.

### 3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos de experiências apresentados no presente estudo evidenciam as percepções de mulheres vítimas de violência doméstica e os desafios enfrentados em vários âmbitos sociais, que tem o poder de invalidar o sofrimento vivido. Desse modo, este estudo buscou contribuir, a partir de um levantamento de documentos publicados no estado da Bahia, com uma compilação de informações através de relatos vivenciais de mulheres vítimas de violência doméstica.

Na produção desse artigo, houve a junção de várias perspectivas dentro da temática da violência a fim de que se destacasse os vários desvelamentos que a violência produz, decorrente de uma concepção patriarcal marcada por uma pluralidade de violências. Diante disso, pôde-se observar através dos relatos o quanto as mulheres vítimas de violência possuem dificuldades para sair de um relacionamento abusivo.

Assim sendo, conclui-se que as mulheres vítimas de violência possuem diferentes percepções acerca das suas experiências como culpa, angústia, medo, humilhação e vergonha. No que se refere aos relacionamentos amorosos, foi possível perceber o quanto a socialização feminina favorece a permanência de mulheres nessas relações violentas, tendo como

implicações negativas o desenvolvimento de transtornos mentais, baixa autoestima e um maior risco para o suicídio.

Em relação aos serviços institucionais, observou-se que, embora as instituições judiciais e delegacias sejam o meio pelo qual as mulheres tenham proteção e apoio, ainda assim, muitas mulheres evitam buscar ajuda devido à falta de acolhimento e descaso por parte das autoridades policiais. No que se refere aos serviços de saúde, muitas vítimas de violência não comunicam o real motivo de sua ida ao serviço por medo de julgamentos e falas preconceituosas em razão da violência sofrida.

Enfim, vê-se que é urgente que a violência seja combatida de maneira conjunta entre a sociedade e as instituições que protegem e cuidam dessas mulheres, visto que as pessoas que estão realizando os serviços de saúde e proteção não estão preparadas o suficiente para acolher as mulheres vítimas de violência. Sendo assim, faz-se necessário a realização de mais estudos que ajudem na promoção de Políticas Públicas no enfrentamento a violência doméstica em todas as suas formas.

Por fim, este estudo organizou de forma sistemática os dados de produções referentes aos relatos de experiências, a fim de deixar mais acessíveis informações referente ao tema. Dessa forma, o intuito deste estudo é de contribuir para a elaboração de novos estudos na área e na criação de novas estratégias de enfrentamento a violência contra mulher.

## REFERÊNCIAS

BRASIL tem mais de 31 mil denúncias de violência doméstica ou familiar contra as mulheres até julho de 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/eleicoes-2022-periodo-eleitoral/brasil-tem-mais-de-31-mil-denuncias-violencia-contras-as-mulheres-no-contexto-de-violencia-domestica-ou-familiar>. Acesso em: 2 out. 2022.

BRASIL. Presidente da República. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Lei Maria da Penha. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm). Acesso em: 16 fev. 2023.

CORREIA, Cíntia Mesquita *et al.* Sinais de risco para o suicídio em mulheres com história de violência doméstica. **SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas** (Edição em Português), v. 14, n. 4, p. 219-225, 21 dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.151401>. Acesso em: 20 out. 2022.

DANTAS, Giselle de Santana Vilasboas *et al.* Caracterização dos casos de violência física contra mulheres notificados na bahia. **Arquivos de Ciências da Saúde**, v. 24, n. 4, p. 63, 22 dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.17696/2318-3691.24.4.2017.878>. Acesso em: 12 set. 2023.

DOURADO, Suzana de Magalhães; NORONHA, Ceci Vilar. Marcas visíveis e invisíveis: danos ao rosto feminino em episódios de violência conjugal. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 9, p. 2911-2920, set. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015209.19012014>. Acesso em: 12 out. 2022.

FLOR, Tainá Oliveira *et al.* Revisões de literatura como métodos de pesquisa: aproximações e divergências. **Conapesc Digital**, 24 jan. 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/76913>. Acesso em: 14 jun. 2023.

GOMES, Nadirlene Pereira *et al.* Permanência de mulheres em relacionamentos violentos: desvelando o cotidiano conjugal. **Cogitare Enfermagem**, v. 27, 18 abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.78904>. Acesso em: 12 out. 2022.

\_\_\_\_\_. Vivência e repercussões da violência conjugal: o discurso feminino. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 20, n. 5, p. 585-590, dez. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuernj/article/view/5805>. Acesso em: 12 out. 2022.

GOMES, Nadirlene P.; CARVALHO, Milca R da S.; COUTO, Telmara M.; DINIZ, Normélia M. F. Violência conjugal e o atendimento da mulher na delegacia e no serviço de saúde. **Revista Baiana de Enfermagem**, [S. l.], v. 27, n. 2, 2013. DOI: 10.18471/rbe.v27i2.6928. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/6928>. Acesso em: 12 out. 2022.

GOMES, Iracema Costa Ribeiro *et al.* Representações sociais de mulheres em situação de violência domésticas sobre assistência jurídica. **Revista Cuidarte**, v. 11, n. 1, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15649/cuidarte.927>. Acesso em: 13 out. 2022.

\_\_\_\_\_. Representações sociais de mulheres em relação à assistência policial prestada nas situações vivenciadas de violência doméstica. **Enfermería actual en Costa Rica**, n. 39, 22 jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15517/revenf.v0i39.39657>. Acesso em: 20 out. 2022.

OLIVEIRA, Anna Paula Garcia; CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. Violência doméstica na perspectiva de gênero e políticas públicas. **Journal of Human Growth and Development**, v. 17, n. 1, p. 39, 1 abr. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.7322/jhgd.19813>. Acesso em: 14 out. 2022.

PAIXÃO, Gilvânia Patrícia do Nascimento *et al.* Mulheres vivenciando a intergeracionalidade da violência conjugal. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 23, n. 5, p. 874-879, out. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-1169.0010.2626>. Acesso em: 20 out. 2022.

SILVA, Iracema Viterbo. Violência contra mulheres: a experiência de usuárias de um serviço de urgência e emergência de Salvador, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, suppl 2, p. 263-272, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-311x2003000800008>. Acesso em: 13 out. 2022.

VIOLÊNCIAS contra mulheres seguem desafiando a Bahia - Rede de Observatórios de Segurança. Disponível em: <http://observatorioseguranca.com.br/violencias-contra-mulheres-seguem-desafiando-a-bahia/>. Acesso em: 2 jul. 2023.

**MINI CURRÍCULO E CONTRIBUIÇÕES AUTORES**

<b>TÍTULO DO ARTIGO</b>	<b>RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UMA REVISÃO DE ESTUDOS PUBLICADOS NO ESTADO DA BAHIA</b>
<b>RECEBIDO</b>	29/10/2023
<b>AVALIADO</b>	02/11/2023
<b>ACEITO</b>	17/11/2023

<b>AUTOR 1</b>	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sra.
NOME COMPLETO	Daniela Gomes Carneiro
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	Universidades Salvador - UNIFACS
CIDADE	Salvador
ESTADO	BA
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Graduanda em Psicologia pela Universidade Salvador. Membro do Laboratório de Estudos em Biologia, Filosofia e Psicologia (BIOFIP).
<b>AUTOR 2</b>	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sra.
NOME COMPLETO	Ana Carolina Dias de Souza
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	Universidades Salvador - UNIFACS
CIDADE	Salvador
ESTADO	Bahia
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Graduanda em Psicologia pela Universidade Salvador.
<b>AUTOR 3</b>	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sr.
NOME COMPLETO	Rodrigo Nascimento Barbosa
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	Universidade Federal da Bahia - UFBA / Universidades Salvador - UNIFACS
CIDADE	Salvador
ESTADO	Bahia
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) na linha de pesquisa em Contextos de Desenvolvimento, Clínica e Saúde sob orientação de Denise Coutinho. Pós-Graduando em Neuropsicologia pela Faculdade Dom Alberto. Graduado em Psicologia pela Universidade Salvador (UNIFACS), Feira de Santana - BA. É também acadêmico do curso de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Atualmente, é membro do grupo de Pesquisa CONES na Universidade Federal da Bahia - UFBA/CNPq. Nesse mesmo grupo, desenvolve estudos nas áreas da Biologia evolutiva, Etologia e Psicanálise.
CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES NO ARTIGO	

Endereço de Correspondência dos autores	de	<b>Autor 1:</b> <a href="mailto:dangepsi@gmail.com">dangepsi@gmail.com</a> <b>Autor 2:</b> <a href="mailto:psicoanadias@gmail.com">psicoanadias@gmail.com</a> <b>Autor 3:</b> <a href="mailto:nascimentoatag@gmail.com">nascimentoatag@gmail.com</a>
---	----	--